

EDUCAÇÃO INTERCULTURAL EM ENTORNOS VIRTUAIS DE APRENDIZAGEM

Marlene Zwierewicz

Centro Universitário Barriga Verde – UNIBAVE (Brasil)

marlenezwie@febave.org.br

Antonio Pantoja Vallejo

Universidade de Jaén – UJA (Espanha)

apantoja@ujaen.es

Resumo: A sistematização apresentada no presente artigo trata das perspectivas existentes atualmente para a Educação Intercultural, abordando aspectos legitimadores do processo de ensino e de aprendizagem caracterizado pela interação entre os sujeitos, mesmo que estejam fisicamente distantes. Para tanto, busca-se refletir sobre conceitos que envolvem a prática intercultural, além de propor estratégias para a inclusão cultural em Entornos Virtuais de Aprendizagem - EVA. A partir dessa reflexão, contextualiza perspectivas práticas para a interculturalidade em desenvolvimento, mediante a efetivação do Projeto Internacional E-Culturas, desenvolvido pelo Grupo de Investigação IDEO da Universidade de Jaén – Espanha e efetivado por meio de acordos universitários com países da América Latina, entre os quais o Brasil, único país inserido em uma proposta bilíngüe.

Palavras-chave: Entornos virtuais de aprendizagem; educação intercultural; interculturalidade; multiculturalidade.

INTERCULTURAL EDUCATION IN VIRTUAL LEARNING ENVIRONMENTS

Abstract: The systematization registered in the this article concerns the perspective presently existent for the Intercultural Education, broaching legitimating aspects of the teaching and learning process that is characterized by the interaction of the connected individuals, in spite of their being physically distant from each other. For such purpose, it aims the reflection over concepts which involve the intercultural practice, besides proposing strategies for the cultural inclusion in Virtual Learning Environments -VLE. Based on this consideration, contextures practical perspectives for the interculturality being developed through the accomplishment of the E-Culturas International Project developed by the IDEO Investigation Group of the Jaén University – Spain and accomplished by means of university agreements with Latin American countries.

Keywords: Virtual learning environments; intercultural education; interculturality; multiculturality

INTRODUÇÃO

A cultura é um fenômeno dinâmico e que se ressignifica à medida que os indivíduos interagem com diferentes contextos. Nessa interação, constatam-se atualmente possibilidades inéditas para a interculturalidade, viabilizadas aos sujeitos conectados em Entornos Virtuais de Aprendizagem – EVA, os quais podem ressignificar sua cultura em decorrência das condições técnicas produzidas principalmente a partir da última década do Século XX.

Esse fato evidencia circunstâncias decorrentes do momento revolucionário atual, o qual se diferencia de outras revoluções ocorridas no decorrer da história da humanidade pela velocidade em que ocorrem tais mudanças.

Inserido nesse contexto em transformação acelerado, encontra-se o processo educativo formal, que mesmo a passos lentos estrutura-se no interior de uma realidade cada vez mais dominada pelas Novas Tecnologias da Informação e Comunicação – NTIC, as quais oferecem, indiscutivelmente, possibilidades para a superação de práticas assimilacionistas, constituídas mediante a estruturação de EVA interativos, viabilizadores da interculturalidade.

Diante dessa perspectiva, a sistematização tratada neste artigo considera possibilidades atuais para a Educação Intercultural, abordando aspectos legitimadores do processo de ensino e de aprendizagem que se caracteriza pela aproximação dos sujeitos, mesmo que estejam a quilômetros de distância. Para alcançar esse intento, busca refletir sobre conceitos articulados à questão intercultural, além de propor estratégias para a inclusão cultural. A partir dessa reflexão, contextualiza perspectivas práticas para a Educação Intercultural em EVA em desenvolvimento, mediante a efetivação do Projeto Intercultural Internacional E-Culturas, idealizado pelo Grupo de Investigação IDEO da Universidade de Jaén – Espanha e levado a efeito por acordos com países de América Latina, entre os quais o Brasil, único país inserido em uma proposta bilíngüe.

1 CULTURA, MULTICULTURALIDADE E INTERCULTURALIDADE

Antes de tratarmos com especificidade da Educação Intercultural e do Projeto E-Culturas, consideramos oportuno o resgate de questões que delimitam o entendimento sobre aspectos relativos à cultura, à multiculturalidade e à interculturalidade.

Independente dos grupos sociais em que se inserem, todas as pessoas possuem cultura, a qual se transforma mediante a interatividade. Essa afirmativa implica na aceitação da concepção de que a cultura é um fenômeno dinâmico, viabilizado por meio de conceitos e hábitos socializados, apropriados e ressignificados pelo homem.

O conceito de cultura, contudo, está intimamente relacionado às diferentes formas contextuais de abordar o contato entre as sociedades. Nessa perspectiva, Gomes (1998) identifica três eixos históricos fundamentais para levar a efeito a tarefa de conceitualizar cultura, a saber:

- A cultura como atividade biológica: adaptação da espécie e de seu fisiologismo às diferentes condições do ambiente.
- A cultura como transformação física do ambiente: ação humana efetivada por meio do conjunto de técnicas com base nas quais os grupos humanos criam um conjunto de instrumentos e ações destinadas e orientadas pelas determinações da produção da vida material.
- A cultura como expressão simbólica: a cultura como comunicação, ação expressiva e difusão de valores.

Barreiros e Morgado (2002) corroboram as idéias contidas no último eixo quando ressaltam a importância de definir cultura como um processo social, como algo produzido, sendo uma instância na qual a comunicação exerce um papel fundamental para que cada grupo organize sua identidade.

Esse processo tem contribuído para a apropriação e ressignificação de conhecimentos necessários à sobrevivência humana, bem como tem gerado preocupações quando o homem passa a fazer parte de contextos aos quais precisa se inserir sem perder a identidade.

Segundo D'Ambrósio (2005) o encontro de culturas, ocorrido na inserção do homem em novos espaços, é um fato tão presente nas relações humanas quanto o próprio fenômeno da vida. Assim, não há encontro com o outro sem que se manifeste uma dinâmica cultural.

Interpretar esse fenômeno e tratá-lo de forma a respeitar as identidades culturais, contudo, constitui-se em um fato desafiador no sentido de superar práticas históricas assimilacionistas para grupos minoritários.

Em um primeiro momento a multiculturalidade foi abordada a partir das políticas sociais e educativas como a necessidade de adaptar os outros aos costumes, valores e formas organizativas da sociedade receptora, considerada superior. Essa perspectiva, claramente fundamentada em uma ideologia assimilacionista, esteve ligada a fenômenos migratórios e se apóia na crença de que diferentes culturas não podem conviver em um mesmo contexto social. Nesse sentido, o grupo majoritário absorve ao minoritário de maneira que este último se confunde com o anterior perdendo sua identidade, sua língua, seus hábitos alimentares, inclusive sua religião (SÁNCHEZ FERNÁNDEZ, 2001, p. 145).

Contrário a essa perspectiva, Cabrera (2001) aponta a necessidade de valorizar práticas educativas e sociais atentas à diversidade cultural, ressaltando alternativas como a experiência com o trato da língua, desenvolvida pela comunidade educativa espanhola em função do atual movimento migratório ocorrido no país, cujas características são orientadas por medidas que consideram:

- A heterogeneidade: idade do aluno, sexo, país de procedência e nível acadêmico.
- A individualização: o processo de ensino e aprendizagem estruturado a partir das características de cada aluno.
- A interdisciplinaridade: utilizar todas as situações nas quais a comunicação em áreas específicas como Educação Física, Educação Artística, Música entre outras, contribui para a inclusão cultural.

A partir dessa concepção, a multiculturalidade não deixa de existir, mas se reafirma e se ressignifica na relação estabelecida com outro contexto cultural. Diante desse processo, Zwierewicz (2006) ressalta que a possibilidade concreta para a interculturalidade não resulta na superioridade de uma cultura em detrimento de outra, mas nas relações multiculturais que se estabelecem, conservando aspectos culturais necessários para seguir a trajetória de cada cultura no decorrer da história da humanidade e ressignificando aqueles que qualificam a vida da população do contexto local e da comunidade inserida.

Assim, a interculturalidade resulta em um processo de dupla via, mediante o qual a cultura inserida e a local oferecem subsídios para a dinamicidade cultural. Esse fato, evidenciado historicamente, pode ser observado na transformação das culturas colonizadoras do Brasil e no fluxo migratório existente atualmente na Espanha. Se, por um lado, a cultura introduzida sofre modificações, a cultura local vivencia um processo de transformação à medida que experimenta novas experiências, transformando seu contexto, ainda que a cultura inserida ou contextual possa estar exposta às práticas impositivas de adaptação.

Para viabilizar a interculturalidade deve-se partir da necessidade de afirmar a própria cultura em sua relação com as outras culturas (CABRERA, 2001). Dessa forma, concluímos que a interculturalidade pode ser entendida como um processo mediante o qual a convivência multicultural torna-se viável, reafirmando a perspectiva de Del Arco (1998) que a define como uma dimensão de intercâmbio e comunicação compreensiva entre diferentes culturas que se reconhecem como diversas entre si, desembocando em um enriquecimento mútuo.

Para Sánchez Fernández (2001, p. 138) a complexidade das relações atuais entre os grupos étnicos e culturais evidencia a multiculturalidade como uma característica patente, clara das sociedades democráticas, enquanto a interculturalidade supõe um grau maior de interação entre os distintos grupos, sendo que para o autor a *“multiculturalidade se associa à descrição*

de características de uma determinada sociedade, grupo ou indivíduo, enquanto a interculturalidade se relaciona mais com a interação entre os diferentes grupos”.

Diante disso, mesmo que o conceito de multiculturalidade se diferencie do conceito de interculturalidade, cabe ressaltar que a interculturalidade está intimamente ligada à multiculturalidade dado que, de acordo com Quintana (1992) a última aponta para uma situação dada, enquanto a interculturalidade aponta já para uma solução, impulsionando uma comum compreensão e aceitação recíproca da multiculturalidade.

2 EDUCAÇÃO MULTICULTURAL E EDUCAÇÃO INTERCULTURAL

Com o processo de globalização e os avanços tecnológicos das últimas décadas, aspectos que têm aproximado presencialmente ou virtualmente diferentes culturas, passamos a conviver com sociedades cada vez mais multiculturais. Diante da coexistência dessas múltiplas culturas em espaços presenciais ou virtuais, cabe à educação formal atual funções específicas para superar a política assimilacionista, segregadora e legitimadora da imposição da cultura dominante.

Para Díaz Sánchez, (2001, p. 220) “*realidades multiculturais demandam fórmulas educativas interculturais*”, cabendo ao processo educativo formal um papel imprescindível na construção da identidade em meio às sociedades multiculturais, viável por meio da educação intercultural.

Ao buscar uma delimitação de concepções multi e intercultural, as quais têm gerado confusões conceituais, retomamos no quadro a seguir aspectos apontados por Essomba (1999, p. 17-18), que permitem distinguir Educação Multicultural e Educação Intercultural:

Educação Multicultural	Educação Intercultural
Contempla atuações somente em escolas que tenham a presença de alunos de diversas origens étnico-culturais.	Estende a Educação Intercultural a todas as escolas, não exclusivamente aos centros que possuam a presença de minorias étnico-culturais.
Limita-se aos aspectos curriculares, sem considerar as relações de ordem que se estabelecem na sociedade entre cultura dominante e culturas dominadas.	Implica em um enfoque global (no sentido de incorporar as propostas educativas em projetos de caráter social) e propositivo (expressa um projeto de estabelecimento de relações igualitárias entre as culturas). Propõe evidenciar não somente as diferenças, mas também as similitudes.
Reconhece a escola como um espaço ideal para criar as relações interétnicas, porém desde uma concepção estática das culturas e tratando prioritariamente as diferenças entre elas.	Parte de um conceito dinâmico de cultura e de identidade cultural. Renuncia as idéias de vazios culturais e de hierarquização das culturas. Realiza uma aproximação crítica (analisando e valorizando) as culturas.
Propõe principalmente as intervenções educativas centradas em estratégias de contato. Metodologias que aproximem os diferentes coletivos, estimulem o conhecimento mútuo, promovam o diálogo e	Preocupação com o binômio diferença-igualdade. Facilita e promove processos de intercâmbio, interação, cooperação, entre as culturas, com um tratamento igualitário sobre as mesmas. Parte do princípio que a diversidade cultural é um processo educativo, não um elemento segregador ou diferenciador, mas um elemento enriquecedor, integrador e articulador.

combatam a formação de prejuízos.	Vislumbra como mecanismo dialógico entre culturas a compreensão e a aceitação da alteridade como fundamento do referencial de interação entre as mesmas em sala de aula e nos centros escolares.
Limita-se a incluir no currículo tópicos culturais dos diferentes coletivos minoritários.	Contrapõe-se a uma hibridação cultural (por justaposição de disciplinas ou materiais), reafirmando o enriquecimento e a compreensão mútua mediante aprendizagens baseadas nas diferentes culturas.

Tabela 1. Especificidades da Educação Multicultural e Educação Intercultural

Diante da demarcação dos limites que distinguem ou aproximam os dois referenciais de educação, enunciados no quadro anterior, conclui-se que o respeito à diversidade cultural e as possibilidades das multiculturas interagirem dependem de uma proposta que ressalte a Educação Intercultural.

Justificando a necessidade de uma Educação Intercultural, Aznar Díaz e Hinojo Lucena (2004, p. 1) apontam sete aspectos relevantes:

- Vivemos em uma sociedade cada vez mais plural.
- Todas as culturas, inclusive a nossa, são resultado de uma mescla.
- Faz-se necessário dar respostas a determinados temores.
- Faz-se necessário respeitar o direito fundamental que todo indivíduo tem de ser diferente.
- A educação e os centros educativos precisam dar respostas às necessidades dos grupos sociais pertencentes a distintas etnias e culturas.
- A educação precisa contribuir para dotar a pessoa de atitudes e competências para viver em sociedade.
- Os centros educativos são o lugar chave para dar resposta a situações de desvantagens que sofrem os alunos.

Diante da justificativa, a escola possui um papel fundamental na promoção da interculturalidade, devendo adequar-se às novas realidades, aos novos contextos multiculturais presenciais ou virtuais, viabilizando propostas que possibilitem o contato e o necessário respeito para com a diversidade.

Ferrer, Benavides e Martínez López (2001, p. 233) apontam três necessidades básicas da escola que pretende levar a efeito a Educação Intercultural:

- Aproveitar a riqueza que aporta a realidade cultural.
- Fomentar a reflexão e o altruísmo, a vivência espontânea e o diálogo.
- Desenvolver atividades que contribuam na luta contra o racismo.

Além de considerar as necessidades básicas, os mesmos autores (2001, p. 235-236), ainda fazem referência às novas funções que devem ser assumidas pela escola, entre as quais:

- Modificar atitudes, despertar curiosidade e respeitar o recíproco entre pessoas de etnias diferentes.
- Educar em valores éticos.
- Proporcionar igualdade de oportunidades.
- Analisar a realidade com sentido crítico.

- Implementar uma educação anti-racista.
- Impulsionar experiências de compromisso social ante situações de desigualdade e discriminação.
- Promover o conhecimento e conservação de tradições culturais minoritárias.

Nessa direção, a prática educativa defendida deve estar empenhada na convivência democrática em contextos heterogêneos nos quais existam direitos humanos que independem dessas diferenças.

Aznar Díaz e Hinojo Lucena (2004) defendem que a necessidade de construir uma prática intercultural ficou mais perceptível a partir dos anos noventa do século passado, em função do grande fluxo migratório. A partir de então, evidencia-se cada vez mais que, muito além das pequenas diferenças que nos fazem distintos, como por exemplo, a raça, o gênero e a religião, existem outras similitudes que nos acercam e nos igualam, cabendo ao sistema educativo oferecer a todos os alunos/as possibilidades para dar respostas às necessidades de cada um.

[...] a atenção à diversidade do aluno que propõe uma igualdade de oportunidades não significa dar a todos o mesmo, mas a cada um o que necessita, deve ser marcada por uma concepção de igualdade e equidade, superando a idéia de que todos os alunos chegam à escola nas mesmas condições. Isso requer a adoção de determinadas medidas, desde as mais elementares, relacionadas com as mudanças nas metodologias ou ao ritmo que se imprime ao processo de ensino e aprendizagem, até outras mais complexas como a adaptação curricular. Porém, sempre dentro de um marco curricular estabelecido (CUEVAS E DIAS ROSAS, 2004, p. 53).

Diante dessas afirmativas, concluímos que a Educação Multicultural faz referência de forma global a todo sistema e relações em que convivem as várias culturas simultaneamente, em um tempo sincronizado em um lugar concreto. Esse tipo de educação ocorre praticamente em todos os países desenvolvidos, favorecidos pela globalização a que está submetido o planeta.

Por outro lado, encontramos na Educação Intercultural, um fenômeno mais novo e profundo que o anterior, um passo a mais nas relações sociais e afetivas dos cidadãos, capaz de favorecer a interação entre culturas e o intercâmbio de aspectos culturais, a permeabilização das estruturas de convivência e a capacidade individual e grupal de aceitar outras formas de entender a mesma idéia, assim como a criação de uma cidadania na qual todos podem sentir-se identificados de alguma maneira.

3 EDUCAÇÃO INTERCULTURAL EM ENTORNOS VIRTUAIS DE APRENDIZAGEM – EVA

A evolução tecnológica vem possibilitando o encontro virtual de multiculturas, dinamizando de forma significativa as possibilidades para a interculturalidade, anteriormente viáveis somente mediante presença física. Diante disso, o processo educativo formal assume gradativamente novas perspectivas, expressando uma das características que diferenciam o homem dos outros seres: sua capacidade de criar e usufruir as produções decorrentes de sua criatividade e, em contrapartida, a capacidade de ressignificar sua cultura em decorrência das novas condições produzidas (ZWIEREWICZ, 2006).

Essa articulação entre capacidade criativa e cultura se evidenciou, principalmente, a partir da década de 90, quando a conexão planetária por meio da Internet constituiu um momento marcado pela crescente difusão da cibercultura. Definida por Lévy (2000) como a

cultura da rede, a cibercultura vem provocando mudanças no comportamento humano, mudanças essas que têm refletido nas práticas educativas atuais.

Incontestavelmente, as novas possibilidades tecnológicas revolucionam os parâmetros para o relacionamento humano e estimulam um processo educativo inovador, o qual supera a unidirecionalidade presente em práticas desenvolvidas na modalidade presencial e, em especial, nas primeiras etapas da Educação a Distância – EaD, dando ênfase à comunicação de dupla via e preconizando um novo paradigma educativo.

Na formação desse novo paradigma educativo, articulado aos novos modos de trabalhar e conviver que se configuram, segundo Pantoja (2004), na passagem da Sociedade Industrial para a Sociedade da Informação - SI, o aluno encontra nas ferramentas de comunicação síncrona e assíncrona diferentes possibilidades de comunicar-se, impulsionando práticas interativas a distância.

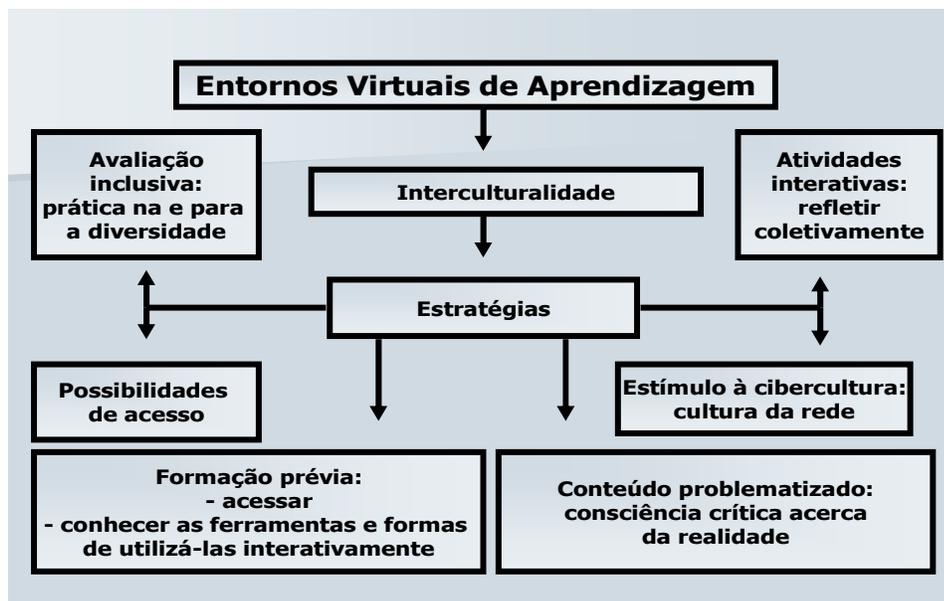
Ingressa-se, portanto, nos processos de ensino e de aprendizagem em EVA, os quais são definidos como espaços dominados pelas NTIC que permitem uma simulação em tempo real de condições dadas na modalidade presencial, oferecendo possibilidades técnicas para o desenvolvimento de estratégias interativas e a conseqüente construção colaborativa do conhecimento, mesmo que os participantes estejam a quilômetros de distância (ZWIEREWICZ e PANTOJA, 2004).

Contudo, estruturar EVA interativos e dinamizadores da Educação Intercultural em realidades adversas constitui-se em um grande desafio para educadores tanto da modalidade presencial e que, gradativamente, incorpora as NTIC no processo educativo, como propriamente para os da modalidade a distância, implicando na necessidade de promover condições atentas a cada contexto no qual se inserem os sujeitos do processo de ensino e aprendizagem. Para tanto, parte-se do princípio que são necessárias estratégias articuladas à realidade e que se voltem a ela no sentido de melhorar a prática educativa. Entre essas estratégias, destacam-se estratégias genéricas da inclusão da diversidade, as quais serão abordadas com mais propriedade na seqüência do texto.

3.1 Estratégias para a Educação Intercultural em Entornos Virtuais de Aprendizagem

Pensar em Educação Intercultural em EVA significa necessariamente a identificação e efetivação de estratégias que viabilizem a inclusão da diversidade cultural em programas virtuais. Para isso, são retomadas estratégias com vistas a dirigir a atenção para a diversidade, por entender que a cultura é uma das diversidades inerentes aos seres humanos. Ou seja, as especificidades culturais são indubitavelmente diversidades e, dessa forma, dinamizar a inclusão cultural significa, conseqüentemente, promover a atenção à diversidade.

Tomando essa perspectiva como ponto de partida, importa observar que, dentre as estratégias para a Educação Intercultural em EVA, destacamos no quadro referencial a seguir as estratégias para inclusão da diversidade mencionadas por Zwierewicz e Pantoja (2004) - garantia de acesso, formação prévia e estímulo à cibercultura -, além das estratégias para oferecimento de conteúdo *on-line* - conteúdo problematizado, atividades interativas e avaliação inclusiva - mencionadas por Zwierewicz, Pantoja e Motta (2005).



Quadro referencial 1: Estratégias para a Educação Intercultural em EVA

Cada estratégia compõe-se por certas especificidades no interior de uma estrutura articulada para a Educação Intercultural em EVA, sendo que a falta de uma delas pode comprometer o processo inclusivo. Assim, o tratamento conferido, a seguir, tem como propósito expressar as especificidades sem comprometer a necessária integridade do processo alavancado pela indissociabilidade das estratégias.

3.1.1 Possibilidades de acesso

Diferentes países investem na expansão das possibilidades de acesso. A exemplo disso, os dados expressos no gráfico que segue representam avanços no número de indivíduos que acessam à rede na Espanha. De acordo com o Ministério Espanhol de Indústria e Comércio, a porcentagem de indivíduos que acessaram à Internet aumentou em quatorze pontos, passando a 34% em julho-setembro de 2003 a 48% em julho-setembro de 2005.

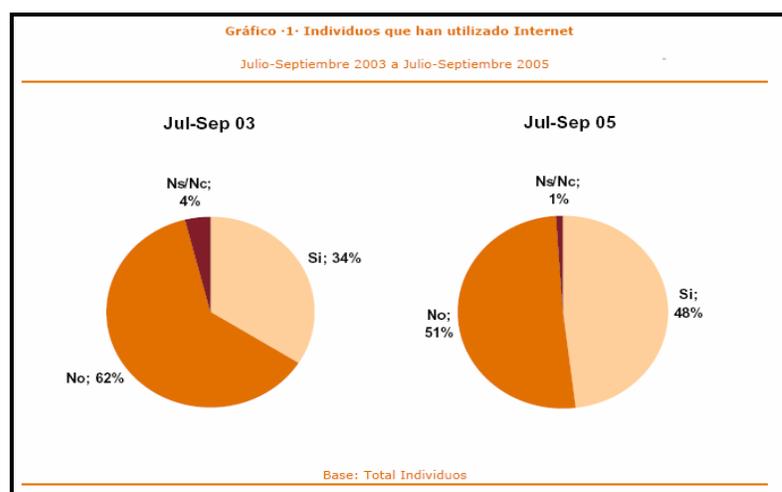


Gráfico 1: Dados espanhóis de acesso à rede. Fonte: www.red.es

Apesar dos avanços, em se tratando de conexão à rede mundial de computadores, comprovados por determinados países, ainda estamos distantes da universalidade de acesso e,

mesmo que nos anos posteriores os índices sofram acréscimos consideráveis em todos os contextos, a falta de possibilidades ainda deve ser considerada um obstáculo para a Educação Intercultural em EVA. Ocultar essa realidade seria desconsiderar o contexto e impor um processo formativo sem as condições mínimas necessárias. Assim, torna-se cada vez mais emergente que as políticas públicas federais ou locais primem por iniciativas para ampliação do acesso.

3.1.2 Formação prévia

Trata-se de contribuir para desenvolver competências e habilidades para o uso das NTIC, delimitando uma formação prévia para a inclusão digital, a qual não consiste na existência de um domínio simplesmente técnico, mas de condições para acessar, tratar, ressignificar e utilizar as informações.

Como cada plataforma tem suas especificidades, indiscutivelmente não se pode esperar um aluno totalmente habilitado em NTIC ao ingressar em cursos *on-line*, mesmo que este já tenha previamente algum contato com as tecnologias atualmente disponíveis. Dessa forma, o trabalho inicial consiste em perceber os conhecimentos já dominados e com base nesse conhecimento real, possibilitar a formação necessária.

3.1.3 Estímulo à cibercultura

A cultura da rede – cibercultura – somente será expressiva, em termos quantitativos, quando um número cada vez mais elevado da população mundial usufruir as novas ferramentas de comunicação síncrona e assíncrona existentes. Assim, cabem alternativas diferenciadas: por um lado incrementar o acesso e, por outro, incorporar na prática as possibilidades já existentes. Na direção da última alternativa, destacamos a abertura conferida pela legislação brasileira, a qual permite que mesmo na modalidade presencial, 20% da carga horária das disciplinas possa ser efetivada a distância, oportunizando de forma generalizada a incorporação das NTIC.

3.1.4 Conteúdo Problematizado

Para o acesso de conteúdos na plataforma de aprendizagem, faz-se necessário partir do pressuposto de que na diversidade cada aluno domina um conjunto particular de conhecimentos, denominado de conhecimento prévio, e que no momento em que tais conhecimentos são ativados podem contribuir para que os conteúdos disponibilizados se tornem significativos. Nessa direção, a interlocução dos alunos e a mediação do conhecimento, articulando os prévios aos cientificamente preservados, viabilizam o desenvolvimento potencial. Uma forma de garantir tal desenvolvimento implica na exposição do conteúdo de modo a ser acompanhado por atividades que possibilitem a reflexão sobre o conhecimento já dominado, incluindo graus de dificuldade nos temas, de tal forma que estimule a curiosidade pelo conhecimento científico (ZWIEREWICZ, PANTOJA e MOTTA, 2005).

Similarmente, Freire contribui com a perspectiva da problematização, afirmando que essa nasce da consciência criada pelo homem sobre si mesmo (FEITOSA, 1999). Nessa consciência estão envolvidos os aspectos culturais que, em contato com outros, possibilitam que o sujeito conectado compreenda sua realidade e a ressignifique, estimulando formas de Educação Intercultural.

3.1.5 Atividades interativas

O oferecimento de atividades interativas na proposta de Educação Intercultural implica na disponibilização de atividades diversificadas e de práticas de comunicação bidirecional. Em se tratando das atividades diversificadas, é importante ressaltar que sua efetivação demandaria a seleção, pelo aluno, daquela opção que mais atendesse suas necessidades e que mais se adaptasse ao seu ritmo e estilo de aprendizagem. Em contrapartida, as práticas de comunicação bidirecional dependeriam do oferecimento de atividades que não impliquem somente em respostas afirmativas ou negativas, mas que estimulem o aluno a refletir e ressignificar o conhecimento numa ação compartilhada pelos sujeitos conectados. Com esse intuito, Silva (2003) registra três elementos fundamentais para a interatividade:

- A participação colaborativa: processo no qual participar não é simplesmente responder sim ou não ou eleger uma opção fechada.
- A bidirecionalidade e dialogicidade: processo em que a comunicação é a produção conjunta da emissão e recepção.
- As conexões em tarefas abertas: processo no qual a comunicação supõe múltiplas redes de conexões e liberdades de trocas, associações e significações.

Diante disso, as atividades interativas devem ser uma prática assumida em todas as etapas que fazem parte do percurso de um EVA: planejamento, elaboração, exploração e um processo de acompanhamento dinamizado pela avaliação inclusiva.

3.1.6 Avaliação Inclusiva

Os critérios avaliativos fortemente utilizados nas práticas avaliativas centraram-se em objetivos operativos, definidos como condutas observáveis, mensuráveis e quantificáveis, excluindo parte da população do processo de ensino e de aprendizagem formal. Superar essa prática mediante a Educação Intercultural, implica na efetivação da avaliação inclusiva.

Concebida por Zwierywicz (2005) como uma possibilidade de intervenção educativa, construída com a finalidade de diagnosticar a diversidade e promover avanços na aprendizagem, independente da condição cultural, emocional, socioeconômica, racial, étnica, bem como o nível de desenvolvimento, ritmo ou estilo de aprendizagem do aluno, a avaliação inclusiva consiste na superação da avaliação exclusivamente classificatória. Nesse intento, a referida autora aponta a necessidade da valorização de três pontos fulcrais nesse processo de avaliação inclusiva: o técnico - pedagógico estruturante, os quais devem ser observados na efetivação de uma proposta de Educação Intercultural:

- Atenção à diversidade: prática caracterizada por um enfoque curricular que centra o interesse em compreender as distintas formas de aprender e que provoque a reestruturação do entorno educativo em função das necessidades contextuais.
- Critérios para a avaliação: constitui-se como alternativa para superação de práticas que avaliam os estudantes, tendo como base a comparação entre esses. A diversidade, nesse caso, não é uma medida para a exclusão, mas uma possibilidade para a interação e o crescimento do grupo. Nesse sentido, os critérios de avaliação necessariamente passam pela articulação com o primeiro pilar para a avaliação inclusiva que é a atenção à diversidade.
- Técnicas e instrumentos compatíveis com a prática inclusiva: para efetivar a avaliação inclusiva são necessárias técnicas e instrumentos que a viabilizem, sendo que estas

devem estar articuladas aos dois pilares iniciais – a atenção à diversidade e os critérios de avaliação. Para isso, se deve partir do princípio que uma técnica ou instrumento somente cumprirá sua função na avaliação inclusiva no momento em que se torna capaz de diagnosticar as diversidades e, por meio de critérios bem definidos, perceber os avanços e os limites, possibilitando a melhoria da aprendizagem por meio da intervenção do professor.

Diante do exposto, tanto as estratégias para inclusão da diversidade como as para a disponibilização de material *on-line* formam um conjunto de premissas indispensáveis para a Educação Intercultural, observando que a inexistência de uma pode implicar no comprometimento de toda a proposta educativa.

3.2 Projeto Intercultural E-Culturas

O Projeto Intercultural E-Culturas idealizado pelo Grupo de Investigação IDEO (Hum 660) da Universidade de Jaén – Espanha e efetivado em acordos com países da América Latina, vem gradativamente se transformando em uma rede de apoio à Educação Intercultural em EVA.

Tendo por objetivo favorecer a interação e o conhecimento cultural entre alunos e professores de centros educativos da Província de Jaén (situada no sul da Espanha, na Comunidade Autónoma de Andaluzia) e outros contextos, utiliza como suporte as NTIC e, mediante seu uso, pretende contribuir para a vida em sociedades cada vez mais multiculturais.

Em sua estruturação, compreende três etapas dinamizadas por meio da participação dos alunos de diferentes culturas.

Inicialmente prioriza o auto-conhecimento e o conhecimento dos alunos das instituições irmanadas, proporcionando atividades nas quais o aluno participa socializando fotos suas, de sua família e de seu entorno, além de informações que permitem que os demais alunos conectados possam ter acesso a informações culturais diversificadas.

Na segunda etapa, as atividades abrangem realidades de contextos mais amplos, envolvendo conceitos e informações sobre os continentes, países, estados, municípios e bairros.

Já no último momento, os alunos participam de um jogo cujo objetivo é traçar um percurso que inicia no local origem do Projeto – Jaén/Espanha – chegando finalmente à realidade do contexto irmanado.

Além dessas três etapas, nas quais os alunos podem participar individualmente ou coletivamente, a página *web* do Projeto permite a participação em *chats* e fóruns, estimulando a comunicação entre os participantes, além de contemplar a realização de videoconferência.

Em seu desenvolvimento, tem-se considerado as estratégias para a Educação Intercultural já registradas neste texto, quando a efetivação possibilita a expressão da diversidade ao estimular a cibercultura, proporciona atividades interativas e possibilita a avaliação inclusiva.

Inicialmente desenvolvido entre a Universidade de Jaén e a Escola Superior Politécnica do Litoral – ESPOL – Guayaquil – Equador, o referido projeto vem incorporando gradativamente outros países, como Cuba, Paraguai e Brasil.

Em uma primeira fase (Projeto Piloto) entre Equador e Espanha, realizado entre maio de 2005 e primeiros meses de 2006, participaram mais de 500 alunos de 11 e 12 anos, obtendo resultados muito claros em relação às atitudes interculturais, o desenvolvimento interativo da cultura e a consecução de uma referência de cidadania multicultural em que prevaleçam valores compartilhados pela comunidade.

No caso específico do Brasil, única experiência bilingüe, o Projeto conta com a participação do Centro Universitário Barriga Verde – UNIBAVE – Orleans/Santa Catarina,

mediante a inclusão da Escola Barriga Verde, referenciada no quadro três, como pioneira no desenvolvimento da experiência.

Inédita no país, a experiência vem despertando interesses de outras instituições, já sendo prevista a inclusão de escolas vinculadas às redes públicas de ensino.

Hermanamiento N°2		
Centro	País	Total alumnos
Escola Barriga Verde (FEBAVE) (Região Sul)		28
Santa Potenciana (Villanueva de la Reina)		52

Tabela 2. Instituições irmanadas: Escola pioneira no desenvolvimento do Projeto E-Culturas no Brasil e escola espanhola. Fonte: www.e-culturas.org

Desta forma, o Projeto se constituirá em uma rede cada vez mais relevante para a Educação Intercultural, possibilitando o acesso, a socialização e a ressignificação da cultura de países estrangeiros, bem como a existente no interior dos próprios países.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dinamicidade do mundo atual, promovida por diferentes fatores, entres os quais a intensificação dos movimentos migratórios e o desenvolvimento das tecnologias, altera significativamente a forma de relacionamento entre os indivíduos, independente do contexto em que se inserem. São relações que se estabelecem em contextos presenciais e virtuais, constituindo-se em desafios para os defensores da necessidade da preservação da identidade individual.

Diante disso, surge a proposta da Educação Intercultural, a qual se distingue da Educação Multicultural à medida que se transforma em um passo a mais nas relações sociais e afetivas dos cidadãos, capaz de favorecer a interação de culturas e o intercâmbio de aspectos culturais, a permeabilização das estruturas de convivência e a capacidade individual e grupal de aceitar outras formas de entender a mesma idéia, assim como a criação de uma cidadania na qual todos podem sentir-se identificados de alguma maneira.

Contudo, efetivar a Educação Intercultural implica na adoção de diferentes estratégias especialmente quando se trata do processo de ensino e de aprendizagem em EVA. Essas estratégias que ultrapassam a simples existência das tecnologias se constituem pelo acesso, pela formação prévia, pelo desenvolvimento da cibercultura, pela disponibilização do conteúdo problematizado, por atividades interativas e pela prática da avaliação inclusiva. Sendo estas estratégias atributos para a inclusão cultural em EVA, a inexistência de uma pode implicar na ineficiência de outra. Assim, não basta possibilitar o acesso sem planejar atividades interativas, não basta desenvolver um processo de formação, sem que esse seja acompanhado pela avaliação inclusiva. Portanto, para a Educação Intercultural em EVA, a articulação entre essas e outras estratégias em estudo devem fazer parte de um movimento contínuo de elaboração, desenvolvimento, avaliação e intervenção.

Tal prática se evidencia pela oferta e ampliação do Projeto Intercultural E-Culturas e que se constitui em uma alternativa inovadora, a qual cria gradativamente possibilidades para a incorporação de novos contextos culturais, sejam eles espanhóis ou latino-americanos.

Esperamos que este artigo seja parte da alavanca que mobilizará outras propostas interculturais, contribuindo para que as identidades culturais sejam preservadas diante dos encontros multiculturais.

REFERÊNCIAS

AZNAR DÍAZ, I.; HINOJO LUCENA, F. J. Necesidad de una pedagogía intercultural en las instituciones educativas: orientaciones para la práctica docente en educación infantil. In: CONGRESO NACIONAL Y IBEROAMERICANO DE PEDAGOGÍA. XIII e II, 2004, Valencia. **Anais do XIII Congresso Nacional y II Iberoamericano de Pedagogía “La educación en contextos multiculturales: diversidad e identidad”**. Valencia: Edição em CD-ROM, 2004, p.244-252.

BARREIROS, D.; MORGADO, V. Multiculturalismo e o campo do currículo no Brasil - um estudo sobre multieducação. In: OLIVEIRA, I. B.; Garbi, P. (Org.). **Redes culturais: diversidade e educação**. Rio de Janeiro: D&P, 2002, p. 93-108.

CABRERA, A. Educación intercultural, atención educativa a la diversidad cultural en el marco LOGSE. In: LLORENTE, T. et al (Orgs.) **Investigación Educativa: diversidad y escuela**. Madri: Grupo Editorial Universitario, 2001, p. 169-189.

CUEVAS LÓPEZ, M.; DÍAZ ROSAS, F. Integración escolar y diversidad cultural: el recto actual de las organizaciones educativas. In: CONGRESO NACIONAL Y IBEROAMERICANO DE PEDAGOGÍA. XIII e II, 2004, Valencia. **Anais do XIII Congresso Nacional y II Iberoamericano de Pedagogía “La educación en contextos multiculturales: diversidad e identidad”**. Valencia: Edição em CD-ROM, 2004, p.49 - 58.

D’AMBRÓSIO, U. **Etnomatemática: elo entre tradições e modernidade**. São Paulo: Ed. Autêntica, 2005.

DEL ARCO, I. **Hacia una escuela intercultural. El profesorado: formación y expectativas**. Lleida: Universitat de Lleida, 1998.

DÍAZ SÁNCHEZ, F. A. Educación familiar intercultural para la prevención de la inadaptación social en contextos multiculturales. In: Jornadas LOGSE. XI, 2001, Madri. **Anais da XI Jornadas LOGSE: Diversidade y escuela**. Madri: Grupo Editorial Universitario, 2001, p.219-224.

ESSOMBA, M. Los objetivos de la educación intercultural. Aspectos diferenciales de su función y naturaleza. In: ESSOMBA, Á. (Coord.) **Construir la escuela intercultural: reflexiones y propuestas para trabajar la diversidad étnica y cultural**. Barcelona: Editorial GRAÓ, 1999. p. 11- 14.

FEITOSA, S. C. S. **O método Paulo Freire**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). FE-USP: São Paulo, 1999.

FERRER, O.; BENAVIDES, O.; MARTINEZ, L. Una propuesta para trabajar la educación intercultural en la aula. In: Jornadas LOGSE. XI, 2001, Madri. **Anais da XI Jornadas LOGSE: Diversidade y escuela**. Madri: Grupo Editorial Universitario, 2001, p.233- 238.

GOMES, P. C. C. **Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: D&P, 1998.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2000.

PANTOJA, A. **La intervención psicopedagógica en la Sociedad de la Información: Educar y orientar con nuevas tecnologías**. Madri: EOS, 2004.

QUINTANA, J. M. **Educación Intercultural: la Europa sin fronteras**. Madrid: Naerea, 1992.
SÁNCHEZ FERNÁNDEZ, S. La educación intercultural como criterio de calidad de las políticas educativas. In: LLORENTE, T. et al (Orgs.) **Investigación Educativa: diversidad y escuela**. Madri: Grupo Editorial Universitario, 2001, p. 135-166.

SILVA, M. Criar e professorar um curso online: relato de experiência. In: SILVA, M. (Coord.) **Educação Online: teorias, práticas, legislação, formação corporativa**. São Paulo: Edições Loyola, 2003, p. 51-73.

ZWIEREWICZ, M.; PANTOJA, A. Diversidad e identidad en Ambientes Virtuales de Aprendizaje. In: CONGRESO NACIONAL Y IBEROAMERICANO DE PEDAGOGÍA. XIII e II, 2004, Valencia. **Anais do XIII Congreso Nacional y II Iberoamericano de Pedagogía “La educación en contextos multiculturales: diversidad e identidad”**. Valencia: Edição em CD-ROM, 2004, p.232 – 242.

ZWIEREWICZ, M. Avaliação Inclusiva: perspectiva para a atenção à diversidade em entornos presenciais e virtuais de aprendizagem. In: FÓRUM REGIONAL DE EDUCAÇÃO. III, 2005, Araranguá . **Anais do III Fórum Regional de Educação**. Araranguá. Araranguá: Edição em CD-Rom, 2005, p. 1-10.

ZWIEREWICZ, M. A interculturalidade em Entornos Virtuais de Aprendizagem. In: JORNADAS DE DIAGNÓSTICO Y ORIENTACIÓN. V, 2006, Jaén. **Anais da V Jornadas de Diagnóstico y Orientación: La educación intercultural en la Sociedad de la Información**. Jaén: Edição em CD-ROM, 2006. p. 1-10.

ZWIEREWICZ, M.; PANTOJA, A.; MOTTA, N. Inclusión de la diversidad en ambientes virtuales de aprendizaje. In: CONGRESSO INTERNACIONAL ABED DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA. 12º, 2005, Florianópolis. **Anais do 12º Congresso Internacional ABED de Educação a Distância: a Educação a Distância e a Integração das Américas**. Florianópolis, 2005. Disponível em www.abed.org.congresso2005/por/index.htm. p 1-10.